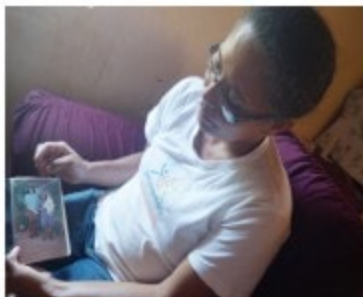


Protagonismo Feminino

Empoderamento e liderança que melhoram a vida de todos e todas

Maria do Patrocínio Silva, conhecida como Nem, é uma mulher guerreira e liderança da comunidade Cachoeirinha II, município de Manga. Filha de Dona Zulmira, pernambucana que chegou nessa região no ano de 1961, migrando por causa da grande seca que assolava o sertão pernambucano, tem na mãe seu grande exemplo de luta, que lhe serve de inspiração, que criou a ela e ao irmão, Sebastião, sozinha.

Toda essa história fez de Dona Nem uma mulher de luta, que teve no exemplo de casa a importância do protagonismo feminino para correr atrás e conseguir melhoria de vida. Segundo ela, o que nunca se perdeu foi a fé em Deus e as graças



A memória da mãe e da avó são exemplo para Dona Nem.

O exemplo de casa também serviu para que ela tivesse força para permanecer em sua terra, de onde nunca saiu, a não ser para as várias formações de que participou. “Hoje o povo colocou uma história de ir embora viver de salário, mas com toda dificuldade nós vivemos é muito melhor aqui, sem violência, na nossa terrinha, plantando e colhendo o que bem queremos”.

Foi com essa garra e buscando melhoria não só para sua família, mas para toda a comunidade que a história de Dona Nem como liderança comunitária se iniciou em 2002, com a mudança de município da Associação Comunitária Cachoeirinha II, que desde 1994, quando foi fundada, pertencia a Montalvânia, mas a partir de então passou a pertencer a cidade de Manga. Assim, o vereador Zequinha, que era uma grande liderança na região, passou a associação aos cuidados da comunidade.

A partir daí, se iniciou o primeiro mandato de Nem e seus companheiros na liderança da associação. Ela era tesoureira na época e viu a necessidade de se colocar uma mensalidade pequena de apenas R\$1,00, para que a associação tivesse um fundo próprio para tocar seus projetos e não ficasse totalmente dependente de políticos. Ela fez ainda as carteirinhas dos associados, regularizando os cadastros e pagou as documentações, fazendo com que agora a comunidade pudesse acessar pequenos projetos. Em 1996, Dona Nem adotou como filho, seu sobrinho Geovane, sua companhia e orgulho.

Foi no ano seguinte, em 2003, que o Programa Um Milhão de Cisternas – P1MC – chegou à comunidade e ela logo começou a fazer reuniões com várias outras comunidades da região, como Canabrava e Mundo Novo, para formar a Comissão Municipal e as famílias receberem as cisternas.

Nesse ano, sua mãe e sua avó estavam muito doentes e ela viu dificuldades em continuar as reuniões, uma vez que tinha que buscar água no lombo de jegue e cuidar das duas, porque era a mulher da casa e no pensamento da nossa sociedade, lugar de mulher era na cozinha. As lideranças do P1MC colocaram então a cisterna na casa dela, para que ela pudesse ajudar a organizar as famílias.

Após 13 anos a cisterna nunca secou, mesmo servindo a toda a comunidade, que ainda não tinha água em casa e só agora, depois de tantos anos, que foi preciso fazer uns reparos em pequenas rachaduras.



Quintal Produtivo e Agrofloresta

Em 2003 ainda foi que ela fez a primeira viagem para uma cidade próxima a Caetité, onde viu a seca ser 3 vezes pior que na sua região, mas onde as famílias tinham experiências de plantio adaptado ao semiárido. De lá, ela trouxe mudas de capim, 4 tipos de palma e começou sua agrofloresta.



Produção excedente de frutas

Em 12 anos a frente da associação, Dona Nem e os companheiros e companheiras conseguiram trazer um projeto que canalizou água do rio para toda a comunidade, uma caixa de 20 mil litros para distribuição e uma bóia de nível, trator com uma carretinha, roçadeira, plantadeira, colheitadeira, casa de semente, tudo para uso coletivo dos 60 moradores da comunidade. A segunda vitória que ela mais se orgulha é o carro comunitário, que serve de transporte a qualquer hora do dia ou da noite para que precisar, seja associado ou não. Fazer parte do CMDRS também ajudou muito nesse processo.

A primeira vitória de maior orgulho dela é o Programa Uma Terra e Duas Águas – P1+2. Ela considera que hoje a comunidade está liberta, assim como muitos outros vizinhos, ela planta hoje andu, limão, alho, cebola, umbu, maracujá, mamão, laranja, acerola, tamarindo, goiaba, manga, banana, feijão, arroz e várias outras qualidades tudo graças a água da cisterna de 52 mil litros.

Conseguir todos esses avanços não foi fácil para ela. Dona Nem conta que o fato de ser mulher sempre rendeu muitas piadas. Na época da instalação da água mesmo, ela ouviu de um morador que se ela conseguisse, ele ia vestir saia. Ela sofre muito descrédito nos seus planos, que acredita que se fossem propostos por homens teriam tido muito mais apoio. Mas a memória de sua mãe nunca a deixou desanimar. “Minha maior vitória era ver meus planos realizados. E não só para mim, mas para que todo mundo pudesse usar”.

Dona Nem acredita no potencial das mulheres e que elas têm que participar da política e dos espaços de decisão. Para ela “ser mulher é pensar no próximo, ser organizada, ter espírito de família”.

E é por isso que sua mais nova empreitada é a criação do Grupo de Mulheres, que vão fundar também a cooperativa de produção de polpa, para gerar renda e organizar a mulherada da comunidade que é muito guerreira e trabalhadeira.

“Nós já produzimos o excedente de frutas no nosso quintal. Agora é só produzir as polpas de forma profissional. E essa mulherada tem força suficiente para fazer mais esse sonho acontecer”.

Elas já têm todo o maquinário, que conseguiram através do Fundo Solidário da Cáritas. Agora a comunidade está fazendo festas, como a da Vaquejada, para arrecadar fundos e construir a sede, tanto do grupo, quanto da cooperativa. Dona Nem conta com total apoio do seu marido, Cláudio.

“Desse jeito é que começa, rodando a saia, largando o fogão.” É assim que se conquista protagonismo e renda.

É desse jeito que as mulheres como Dona Nem mudam o mundo e mudam sua vida.



Dona Nem e seu esposo Cláudio animados com a realização da vaquejada